

SOBRE A FÉ: CONFRONTANDO KANT E FEUERBACH

ON FAITH: CONTRASTING KANT AND FEUERBACH

Gabriel Almeida Assumpção¹

Resumo: Abordaremos como a ‘fé racional pura’ de Kant surge no contexto da ligação necessária entre moralidade e felicidade (o conceito kantiano de sumo Bem). Em seguida, abordaremos a recepção deste filósofo por Feuerbach, que ora se serve de Kant, ora o critica, principalmente pela redução da religião à moralidade promovida pelo filósofo de Königsberg – haja vista que Feuerbach enfatiza o papel do sentimento na fé. Finalmente, confrontaremos Feuerbach com Kant, tentando observar qual é a sede da fé para cada autor: a razão pura e sua demanda de integração necessária da moralidade com a felicidade (Kant) ou o temor diante das forças da natureza somado ao desejo de imortalidade (Feuerbach). O que buscamos demonstrar é como, a nosso ver, tanto a razão quanto a afetividade estão em jogo na fé. A questão é a compreensão acerca de qual nível de consciência e de qual faculdade do ânimo se considera o ser humano. Busca-se também, ao longo da exposição, refletir sobre como Kant, ainda que tenha buscado fundar uma moral *a priori*, acabou inserindo nela vários elementos históricos e contingentes, como fica nítido pela a influência do Cristianismo.

Palavras-chave: Fé. Deus. Feuerbach. Kant.

Abstract: We will discuss how Kant’s ‘rational pure faith’ appears in the context of the necessary connection between morality and happiness (the Kantian concept of Highest Good). Afterwards, we shall touch upon the reception of Kantian works by Feuerbach, who sometimes accepts Kantian theses, but also criticizes him, particularly regarding his reduction of religion to the sphere of morality. Feuerbach, on the other hand, emphasizes the role of feeling on faith. Finally, we shall confront Kant and Feuerbach, trying to observe which is the source of faith: pure reason and its demand of necessary integration of morality with happiness (Kant) or the fear of the forces of nature and the desire for immortality (Feuerbach). What we mean to demonstrate is how both reason and affectivity are at stake when faith is being discussed, and the main issue seems to be understanding which level of consciousness are we to consider human beings, and also which faculty of the mind (*Gemüt*). We also will reflect, throughout our discussion, on how even though Kant wanted to ground a *a priori* morals, ended up inserting many historical elements on his theory of morals, as is evident by the influence of Christianity.

Keywords: Faith. Feuerbach. God. Kant.

* * *

¹ Bacharel em Psicologia. Mestrando em Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na linha de pesquisa de História da Filosofia Moderna, orientado pelo professor Dr. Leonardo Alves Vieira. Bolsista do CNPQ. E-mail: gabrielchou@gmail.com

A “Fé racional pura” de Kant

Na época de Kant, a teologia luterana ortodoxa sofria oposição de duas correntes que lideraram a Ilustração alemã: o racionalismo (Leibniz, Wolff), que pensava a ciência em união com a escolástica, e o pietismo (no qual Kant fora educado), o qual pensava que a fé estava não em proposições doutrinárias, mas na relação interior com Deus. Para um pietista, o propósito de se ler a escritura, por exemplo, seria a edificação moral. Kant se serve de elementos das duas doutrinas e critica ambas², sendo mais famoso por suas críticas à religião do que pelo lado positivo de sua ‘teologia racional’, segundo a qual o conceito de Deus é natural à razão humana³. Deus seria uma hipótese subjetiva, porém necessária à razão. Nas palavras de Hösle:

A contribuição de Kant à teologia natural não é limitada ao trabalho destrutivo empreendido em *O único argumento possível* e na primeira *Crítica*. A *Crítica da Razão Prática* introduz Deus como um postulado da razão prática (A 223ss) e, mesmo se o estatuto epistemológico desse postulado seja controverso e não tão preciso, claramente Kant pode reivindicar ter fornecido um novo fundamento para o argumento moral sobre a existência de Deus. Isso é vinculado ao rompimento radical de Kant com a ética eudamonista: a questão do que nosso dever é não pode ser reduzido ao problema do que nos faz felizes.⁴

Como se dá esse vínculo entre moral e religião? A moral, para Kant, não requer que a liberdade seja entendida teoricamente, mas que ela não se contradiga na prática. A doutrina da moralidade pode coexistir com a natureza, cada uma com suas próprias leis, mas isso só é possível no momento em que a filosofia crítica tenha estabelecido nossa ignorância acerca das coisas em si. As pressuposições de Deus, imortalidade e liberdade são feitas em nome do emprego prático da razão, e permitidas quando a razão teórica tenha abandonado sua pretensão transcendente. É necessário, dessa forma, negar o conhecimento para abrir espaço para a fé⁵.

² WOOD, A. "Rational theology, moral faith, and religion", pp. 394-395.

³ WOOD, A. "Rational theology, moral faith, and religion", p. 397.

⁴ HÖSLE, V. "Why Teleological Principles Are Inevitable for Reason: Natural Theology after Darwin", In HÖSLE, V. *God as Reason: Essays in Philosophical Theology*, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2013, p. 46. (Todas as traduções do artigo são de responsabilidade do autor)

⁵ KANT, I. *Kritik der reinen Vernunft*, B xxix-xxx. (De agora em diante, *KrV B*). O “B” se refere à segunda edição da *Originalausgabe da Crítica da Razão Pura (Kritik der Reinen Vernunft)*, ao passo que o “A” se refere à numeração da *Originalausgabe da Crítica da Razão Prática, (Kritik der praktischen Vernunft)*. Fizemos questão de citar a página do original por ser o recomendado entre os estudiosos de Kant. O padrão de citações de acordo com as normas da *Kant-Studien* está disponível em http://www.degruyter.com/view/supplement/s16131134_Instructions_for_Authors_en.pdf.

Herrero discute que a pergunta por Deus, pela liberdade e pela imortalidade, vetadas na teoria, desembocam na prática, mais precisamente na tentativa de resolução da antinomia da razão prática: o homem moral nem sempre é feliz, o imoral tampouco é desafortunado; assim, a possibilidade de conexão necessária entre a moralidade e a felicidade não é proporcionada pela natureza. A antinomia é a seguinte: a lei moral prescreve incondicionalmente a promoção do sumo Bem, mas este se mostra impossível na realização⁶. Daí a necessidade de se conceber um dos postulados da razão prática pura, o da liberdade, o qual traz consigo a necessidade de um mundo inteligível. Os postulados são legitimados pelo fato de o uso prático da razão ter o primado sobre o uso especulativo, e pelo “interesse” da razão prática impor a adesão aos postulados, sem os quais não se promove a realização desse interesse, que reside justamente na questão da determinação da vontade em relação ao fim último e total, o sumo Bem. Daí Kant dizer, na *Crítica da Razão Prática*, que se o sumo Bem, fim último e realização do interesse da razão prática pura, não fosse realizável, a lei moral seria vazia.⁷

É digno de nota que o sumo Bem não deve ser pensado como objeto do desejo individual, mas como demanda da razão prática pura. A felicidade moralmente condicionada é uma exigência da razão prática pura, e não individual. Kant, inclusive, menciona que o sumo Bem é objeto de juízo de uma razão imparcial (*Urteile einer unparteiischen Vernunft*), e não do olhar parcial da pessoa (*parteiischen Augen der Person*)⁸. Baseados num simples curso natural do mundo, segundo esse filósofo, não podemos esperar o sumo Bem, pois isso só é possível se pressupormos um Autor moral do mundo. O mandamento de se promover o sumo Bem é fundado objetivamente no uso prático da razão, e a possibilidade do sumo Bem é fundada objetivamente na razão teórica, a qual não se opõe a tal possibilidade⁹.

O modo como se representa a possibilidade do sumo Bem, todavia, deve ser condição subjetiva da razão de se representar a exata concordância do reino da natureza com o reino da moralidade como condição de possibilidade do sumo Bem (*die genaue Zusammenstimmung des Reichs der Natur mit dem Reich der Moralität, als Bedingung der Möglichkeit des höchsten Guts, zu denken*), sendo Deus, como Autor da natureza e, ao mesmo tempo, agente moral dotado de entendimento e de vontade, quem promove essa

⁶ HERRERO, F. X. *Religião e história em Kant*, p. 45.

⁷ KANT, I. *KpV* A 218.

⁸ KANT, I., *KpV* A 218s.

⁹ KANT, I. *KpV* A 260ss.

unidade. Todavia, o princípio que determina nosso juízo a respeito dessa possibilidade é subjetivo, como carência da razão pura a qual, ao mesmo tempo, que conduz ao meio de promoção do objeto necessário de uma vontade determinada pela lei moral (isto é, o sumo Bem). A máxima de assentimento do ponto de vista moral é a fé racional prática pura (*der Grund einer Maxime des Fürwahrhaltens in moralischer Absicht, d.i. ein reiner praktischer Vernunftglaube*)¹⁰.

A fé racional pura em Kant zela para que a moral não resida na religião, mas o contrário. É a fé religiosa que surge a partir da lei moral, e a moral é independente, na sua fundamentação, da fé, mas leva esta à religião¹¹. A tese central da doutrina da fé racional pura de Kant é a de que a fé religiosa deve ser fundada apenas na razão prática pura. Não se funda na tradição eclesial (como na tradição católica romana); nem na Bíblia (como a tradição protestante o faz)¹². Então, ainda que seja uma concepção protestante de sumo Bem, a via pela qual se lhe atinge é outra que a do protestantismo. A justificação racional da fé religiosa não pode ser teórica, mas deve ser prática. O que é novo, em Kant, é a radicalidade da justificativa de a fé residir apenas na razão prática pura¹³. Veremos como isso não se mostra aceitável para Feuerbach, e por que não.

A ambivalência de Feuerbach em relação a Kant

Feuerbach estudou teologia em Heidelberg e depois em Berlim. Em seguida, estudou filosofia em Erlangen, tendo-se doutorado em 1828. Foi discípulo de Hegel, com quem rompeu na juventude¹⁴. O autor ficou conhecido por ter defendido que a afirmação do homem depende da negação de Deus. Deus é tido como um Ser no qual o ser humano aplica as perfeições que são dele próprio: sabedoria; amor; infinitude (esta pertence ao ser humano não enquanto indivíduo, mas enquanto espécie). A essência da teologia é, para Feuerbach, a essência do homem projetada para fora do homem, sendo impossível separar a religião da sensação, da fantasia e da intuição humanas¹⁵.

Feuerbach critica o procedimento moderno de, ao se abordar a religião, buscar-se apenas o núcleo de racionalidade nela presente. Para Feuerbach, os modernos privaram a re

¹⁰ KANT, I. *KpV* A 262ss.

¹¹ WOOD, A. "Rational theology, moral faith, and religion", p. 403.

¹² BEISER, F. C. "Moral faith and the highest good", p. 590.

¹³ BEISER, F. C. "Moral faith and the highest good", pp. 590-591.

¹⁴ BECKENKAMP, J. *Seis Modernos*, pp. 12ss.

¹⁵ FEUERBACH, L., *Teses provisórias para uma reforma da filosofia*, pp. 21-23.

ligião da afetividade, “desidrataram-na”, tendo a desprovido das representações da imaginação¹⁶. O jovem Feuerbach, aliás, simpatiza com Spinoza no que se refere ao panteísmo deste, tendo, todavia, se afastado do filósofo ao longo do tempo, pois Spinoza negaria Deus teologicamente, ao igualar Deus à natureza (*natura naturans*)¹⁷.

Feuerbach afirma que os dogmas fundamentais do cristianismo representam a realização de desejos do coração humano, o que lança luz sobre a essência do cristianismo: a essência do ânimo. Tanto na vigília quanto no sonho, o eu se afeta. Todavia, no sonho, é como se o eu fosse abalado por algo exterior a ele, por um outro ser. Da mesma forma, na religião o homem se afeta como se fosse comovido por seres exteriores: anjos, demônios, espíritos, deuses. A religião revela o mais íntimo de nosso ânimo, tal como o sonho¹⁸. Diz o autor: “O ânimo é o sonho de olhos abertos, a religião é o sonho da consciência desperta, o sonho é a chave para os segredos da religião¹⁹”.

Feuerbach fará menção a Kant, nos *Princípios da filosofia do futuro*²⁰, em relação à crítica de Kant à prova ontológica da existência de Deus empreendida na *Crítica da Razão Pura*²¹: ser e pensamento não se equivalem, de forma que apenas conceber um ser perfeito não confere a ele existência. No prefácio à 2ª edição de *A Essência do Cristianismo*, Feuerbach diz ser devedor de Kant, do ceticismo, do materialismo e do panteísmo, entre outras correntes²². Uma mescla confusa, posto que Kant buscava se afastar do panteísmo e também do ceticismo.

Kant, em sua época, afastara-se do panteísmo, tendo inclusive participado da controvérsia em torno do panteísmo entre Jacobi e Mendelssohn em seu opúsculo “O que significa orientar-se no pensamento?”²³. Também numa passagem da *Crítica da Razão Prática*, vemos que Kant concebe o postulado da existência de Deus exigindo Deus como Autor da natureza o qual, todavia, não se confunde com ela: “(...) é postulada também a existência de uma causa da natureza **distinta da mesma como um todo**, e que contenha o fundamento dessa interconexão, a saber, da exata concordância da felicidade com a

¹⁶ BECKENKAMP, J. *Seis Modernos*, p. 16.

¹⁷ Cf. FEUERBACH, L., *Das Wesen der Religion*. Ver também, por exemplo, FEUERBACH, L., *Teses provisórias para uma reforma da filosofia*.

¹⁸ Reparem como essa noção virá a ser influente em interpretações psicológicas da religião, e.g. Freud e Jung.

¹⁹ FEUERBACH, L., *Das Wesen des Christentums* Stuttgart: Frommann, 1959-64, p. 283.

²⁰ FEUERBACH, L., *Princípios da filosofia do futuro*, § 25.

²¹ KANT, I., *KrV* B 620-653.

²² FEUERBACH, L., *Das Wesen des Christentums*, p. 40.

²³ KANT, I. “Was heisst: Sich im Denken Orientieren?” In: KANT, I. *Kants Werke VIII. Akademie Textausgabe. Abhandlungen nach 1781*. Berlin: Walter de Gruyter, 1968, pp. 131-147.

moralidade²⁴ (grifo nosso). Observa-se, aqui, que pelo menos na intenção de Kant, buscava-se evitar o panteísmo e também o ceticismo.

Some-se a essas menções explícitas a Kant o fato de que a estrutura de *A Essência do Cristianismo* tem um paralelo curioso com a estrutura da lógica transcendental da *Crítica da Razão Pura*. A obra de Feuerbach tem duas partes: a primeira, ‘a essência verdadeira, isto é, antropológica da religião’ (*Das wahre, d.i. anthropologische Wesen der Religion*), equivaleria à analítica; ao passo que a segunda, ‘a essência falsa, isto é, teológica da religião’ (*Das unwahre, d.i. theologische Wesen der Religion*), equivaleria à dialética transcendental, a lógica da ilusão (*Logik des Scheins*) na qual as ilusões referentes ao uso da razão são desmascaradas²⁵.

Por outro lado, Feuerbach é crítico de Kant em muitos aspectos. Isso se explica, em parte, pela influência de Lutero em Feuerbach. Este se declarava o ‘Lutero II’ para seus amigos mais próximos e considerava Lutero o fundador da modernidade²⁶. Para Lutero, fé e razão se contradizem mutuamente, sendo a filosofia e a teologia assuntos díspares²⁷. Feuerbach manterá essa posição como base para criticar Kant, para quem a fé racional pura **se origina** da própria razão prática pura. Feuerbach critica Kant por realizar e, ao mesmo tempo, negar a teologia na moral²⁸. Kant a realiza por propor uma teologia moral como alternativa à teologia natural e à teologia revelada²⁹. Tal teologia moral tem seu auge na doutrina dos postulados da razão prática pura³⁰. O filósofo de Königsberg nega a teologia, segundo Feuerbach, por trazer um Deus vazio de conteúdo, um mero agente moral sem afetividade própria³¹.

O Deus de Kant, dessa forma, difere muito do Deus de Feuerbach. Para Feuerbach, um problema de Kant é ter separado Deus do coração humano, limitando-o a um ser vazio e meramente racional. E o pós-hegeliano de esquerda critica a doutrina kantiana dos postulados, em relação à necessidade de um Autor para se promover o vínculo entre felicidade e moralidade (sumo Bem). Pode-se ser moral sem Deus, mas não se pode ser bem-aventurado (no sentido cristão do termo) sem Deus, pois a felicidade nesse sentido de bem-aventurança transcende a natureza e a capacidade humanas. Mas se Deus for

²⁴ KANT, I. KpV A 225.

²⁵ FEUERBACH, L., *Das Wesen des Christenthums*, p. 1 ; KANT, I. KrV, B 350ss.

²⁶ LINDBERG, C. “Luther and Feuerbach”, pp. 108-109.

²⁷ CASTILLA y CORTÁZAR, B. “Feuerbach: la Autonomía de la Antropología Filosófica”, p. 287.

²⁸ FEUERBACH, L., *Princípios da filosofia do futuro*, §17.

²⁹ KANT, I. KrV B KrV B 659ss.

³⁰ KANT, I. KpV A 219ss.

³¹ FEUERBACH, L., *Das Wesen der Religion*, § 55 3n.

meramente um complemento para a moral, isso não é um Deus convincente, na visão de Feuerbach³².

Considerações finais

Feuerbach parte de um ponto de vista antropológico e Kant, de um ponto de vista moral para chegarem à questão de Deus. Nenhum dos dois entra realmente a fundo numa discussão **ontológica** sobre Deus, em parte pelas epistemologias adotadas pelos pensadores. Em Feuerbach, aposta-se numa epistemologia da sensibilidade (*Sinnlichkeit*) e, em Kant, a teoria do conhecimento não deve versar sobre questões transcendentais ao uso do entendimento associado à sensibilidade.

Segundo Juan Alfaro, um problema em Feuerbach é a omissão da temática da esperança, visto que o que passa a ser importante é a humanidade enquanto comunidade; sendo o caráter e a singularidade de cada pessoa praticamente irrelevantes³³. A temática do assentimento subjetivo de Kant, isto é, a fé nos postulados, enfatiza esse elemento da esperança subjetiva, sendo a pergunta pelo sumo Bem a pergunta pela questão “o que me é permitido esperar?”. Ou seja, é justamente a temática da esperança que Kant enfatiza com sua doutrina da fé racional pura. Também falta em Feuerbach a conexão sistemática da filosofia da religião com outros campos do filosofar, como vemos em Kant, que conecta sua moral à sua filosofia da religião, à filosofia política e à filosofia do direito, e mesmo a elementos de sua estética. É mérito de Feuerbach em relação a Kant, no entanto, ter enfatizado mais a temática da intersubjetividade por meio de seu conceito de relação “Eu-tu”, já que, para Feuerbach, a essência do homem está na comunidade e na união do homem com o homem, fundada na distinção eu/tu: “A verdadeira dialética não é um monólogo do pensador solitário consigo mesmo, é um diálogo entre o eu e o tu.”³⁴

Observamos que Kant, ainda que tenha tentado fundar uma moral *a priori*, acaba inserindo nela muitos elementos cristãos – a ideia da consciência da lei moral como algo inerente ao ser humano ressoa São Paulo, e a temática do sumo Bem é uma retomada de um tema com forte acento cristão da parte de Kant, que se posiciona a favor do cristianismo em relação às escolas pagãs da Antiguidade. No que tange aos pressupostos, em Feuerbach há uma mescla de pressupostos dificilmente conciliáveis – kantismo com

³² FEUERBACH, L., *Das Wesen der Religion*, § 55 3n.

³³ Cf. ALFARO, J. “De la Cuestion del Hombre a la Cuestion de Dios: Kant, Feuerbach, Heidegger”, in *Gregorianum*, v. 62, n. 2, 1982, p. 211-272.

³⁴ FEUERBACH, L. . *Princípios da filosofia do futuro*, § 62.

panteísmo, por exemplo. A continuação do estudo empreendido nesse artigo também deve levar em conta filósofos no caminho entre Kant e Feuerbach: Schleiermacher, Hegel, e outros dois cuja recepção por Feuerbach há de se explorar mais, Fichte e Schelling (principalmente este último).

Outro contraponto entre os dois filósofos aqui tratados está no fato de Kant e Feuerbach vincularem a fé em Deus a faculdades diferentes do ânimo: para Kant, a fé em Deus é derivada de uma demanda da razão prática pura, é vinculado **à vontade e à razão**, ao passo que, para Feuerbach, Deus é fruto da **imaginação** e do **desejo** humano.

Apesar dos contrastes mencionados, é importante lembrar que são ambos, cada um a seu modo, pensadores dos limites do ser humano, pensadores da finitude. Observamos, também, que Kant parece ter feito mais jus às diferentes dimensões do ser humano, por ter pelo menos tentado dar espaço tanto à dimensão sensível quanto ao ‘olhar imparcial da razão’ (aspecto inteligível/suprassensível), ao passo que Feuerbach se ateu ao sensível e ao antropológico.

Referências

- ALFARO, J. De la Cuestion del Hombre a la Cuestion de Dios: Kant, Feuerbach, Heidegger, in *Gregorianum*, v. 62, n. 2, 1982, p. 211-272.
- BECKENKAMP, J. *Seis Modernos*. Pelotas: Ed. Universitária, 2005.
- BEISER, F. C. "Moral faith and the highest good". In. GUYER, P. *The Cambridge companion to Kant and modern philosophy*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2006, pp. 588-629.
- CABADA CASTRO, M. El Hombre como Centro del Pensamiento de Feuerbach, in *Pensamiento*, v. 36, n. 141, 1980, pp. 5-27.
- CASTILLA y CORTÁZAR, B. Feuerbach: la Autonomía de la Antropología Filosófica, in *Pensamiento*, v. 55, n. 212, 1999, p. 269-293.
- FEUERBACH, L. *Das Wesen des Christentums*. Stuttgart: Frommann, 1959-64.
- _____. *Das Wesen der Religion*. Disponível em: <http://gutenberg.spiegel.de/buch/3456/4>. Acesso em: 24 Jan 2012.
- _____. *Necessidade de uma reforma da filosofia*. In. FEUERBACH. *Princípios da filosofia do futuro e outros escritos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988, pp. 13-18.
- _____. *Princípios da filosofia do futuro*. In. FEUERBACH, L. *Princípios da filosofia do futuro e outros escritos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988, pp. 37-100.
- _____. *Teses provisórias para uma reforma da filosofia*. In. FEUERBACH. *Princípios da filosofia do futuro e outros escritos*. Trad. Artur Morão Lisboa: Edições 70, 1988, pp. 19-35.
- HERRERO, F. X. *Religião e história em Kant*. Trad. José Ceschin. São Paulo: Loyola, 1991.
- HÖSLE, V. Why Teleological Principles Are Inevitable for Reason: Natural Theology after Darwin. In HÖSLE, V. *God as Reason: Essays in Philosophical Theology*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2013, pp. 24-49.

KANT, I. *Crítica da razão prática*. Edição Bilingue. Trad. Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Kritik der reinen Vernunft*. Frankfurt am Main: Insel Verlag, 1974.

_____. "Was heisst: Sich im Denken Orientieren?" In: KANT, I. *Kants Werke VIII. Akademie Textausgabe. Abhandlungen nach 1781*. Berlin: Walter de Gruyter, 1968, pp. 131-147.

LINDBERG, C. Luther and Feuerbach. *Sixteenth Century Essays and Studies*, v. 1, 1970, pp. 107-118. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3003687>. Acesso em: 30 Set. 2010.

WOOD, A. Rational theology, moral faith, and religion. In: GUYER, P. *The Cambridge companion to Kant and modern philosophy*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2006, pp. 394-416.